ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 68

AGOSTO DE 2014

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC

Caixa postal 229 - CEP 88.010-970

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

ÍNDICE GERAL

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Otimismo. Este é o meu sentimento para mais um período à frente da AFSC.

Mais do que lazer, colecionar vem se impondo como uma forma de troca de informações. Há quarenta anos, quando comecei a me interessar pela filatelia, os meios de comunicação eram lentos e, de um modo geral, os colecionadores procuravam ter álbuns completos, com selos vistosos. Com o passar do tempo, a atividade foi agregando estudo, pesquisa e conhecimento. Com essa certeza, passei a ser um defensor de todo tipo de troca de informações. Boletins, brochuras, jornais, revistas, teses, ensaios e catálogos são fontes preciosas para o aprimoramento das coleções.

Em 1970, quando a nossa associação inaugurou sua Sede, no centro de Florianópolis, logo se colocou em prática a ideia de formar uma biblioteca que reunisse o maior número possível de publicações filatélicas. Continuamos este esforço até hoje, englobando, também, material numismático e de outras formas de colecionismo. Nosso acervo inclui periódicos de diversas entidades do Brasil e do exterior, além de livros e catálogos, que têm sido de grande valia para nossos associados.

O processo que nos leva a agregar valores a objetos e reuni-los dentro de uma lógica particular e específica está ainda longe de ser devidamente interpretado, entendido e vivenciado conscientemente. É um prazer e, por ora, isso basta. Mas queremos ampliar os conhecimentos e desenvolver o colecionismo.

Por crer no intercâmbio como um caminho importante para o crescimento em conjunto, convido associações, clubes, entidades, autores e colecionadores para que entrem em contato com a AFSC, visando a troca de publicações. Temos a oferecer o nosso boletim semestral, bem como espaço em nosso site na internet para divulgação de artigos e publicações.

Luis Claudio Fritzen - Presidente da AFSC

Memórias do Senado

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)

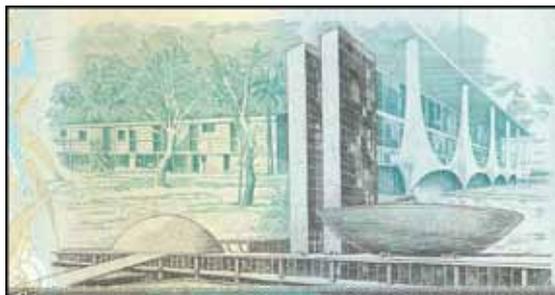



Figura 1 – Em primeiro plano, o Palácio do Congresso Nacional, em Brasília, detalhe do reverso da cédula de 100.000 cruzeiros de 1985 (C176; P.205).

Parte I

Brasília 2030

Brasília, 13 de junho de 2030, dia de estreia do Brasil na Copa do Mundo, o país inteiro está centrado no acontecimento. O jogo tem início às 14 horas; nesse mesmo instante, começa o trabalho de demolição, dito posteriormente "desmonte", do antigo Palácio do Congresso Nacional[1]. O prédio havia sido edificado em 1960, obra do arquiteto modernista Oscar Niemeyer. Situava-se no Plano Piloto, projetado por Lúcio Costa. O palácio foi desocupado pelo Congresso Nacional há alguns anos, por ter se tornado obsoleto frente às novas tecnologias. Mesmo quando ocupado, necessitava de reformas urgentes que eram sempre procrastinadas.

Apesar de ser tombado pelo patrimônio histórico, cogitava-se, nas esferas governamentais, demoli-lo, diante da falta de segurança e, segundo argumentações, *"impunha-se a demolição do aviltado palácio e do Plano Piloto, diante de sua presença estorvante, permitindo o desafogo da área central da capital"*.

Discussões intermináveis durante anos não conseguiram dar um encaminhamento à questão. Como já havia acontecido em casos semelhantes, o prédio, após a saída das Casas Legislativas, restou subutilizado por diversos órgãos do Governo e, depois, finalmente caiu em desuso. Na ausência de consenso sobre o destino do prédio, o Governo viu por bem agir, demolindo-o, para, segundo declaração, reedificá-lo posteriormente em local mais "adequado".

Vinham sendo feitas, na imprensa, críticas mordazes em relação ao prédio e ao Plano

1 O nome oficial é Palácio Nereu Ramos.

Piloto. Segundo as declarações, o Palácio do Congresso Nacional, além de obsoleto, seria nada mais que uma cópia do templo egípcio de *Hatchepsut (*1470 a.C) e o Plano Piloto, nada mais do que um projeto inspirado na cidade egípcia de *Aquetaton*[2] (cerca de 1360 a.C), que tem os planos no formato de asas de pássaro.

Outra especulação foi feita em relação ao arquiteto *Le Corbusier*, que teria colaborado nos planos de construção, mesmo diante das suspeitas de fascismo e antissemitismo que pairavam sobre ele.

As críticas anteriores à demolição passaram a acompanhar outras tantas, referentes à sua preservação. Críticas estas que iam desde sua inadaptação ao clima até ao fato de seus ocupantes não terem dado respostas concretas aos anseios da população. Assim, apesar das críticas quanto à demolição do prédio, nada se fez de concreto, até o momento, para resgatá-lo ou mesmo preservar o que dele restou.

Aliás, o Palácio Monroe, recentemente reconstruído próximo ao local onde se situava o edifício original, guarda todos os traços externos do antigo, menos na argamassa, que não contém óleo de baleia.

Neste contexto, pergunta-se, terá o prédio modernista o mesmo fim do Palácio Monroe, a reconstrução? Ou o esquecimento?

Por mais absurda que possa parecer a situação, a demolição realmente aconteceu com o Palácio Monroe. Seria uma ironia do destino, se esse fato se repetisse com o atual Palácio do Congresso Nacional, seguindo o mesmo caminho do Palácio Monroe, sede anterior do Senado, no Rio de Janeiro, demolido 70 anos depois de sua construção.

Saint Louis 1904

Em 1904, a cidade de *Saint Louis*, nos Estados Unidos, acolheu o evento denominado «*Louisiana Purchase Exposition*» ou "Exposição Universal de Saint Louis". A exposição tinha como objetivo comemorar o centenário da compra do território da Louisiana[3], que havia sido adquirido aos franceses em 1803, permitindo aos Estados Unidos dobrar sua superfície.

Em 1901, o Governo Brasileiro havia sido convidado para participar do evento pelo presidente americano William Mackinley.

A importância da participação do Brasil se traduzia na oportunidade para demonstrar seu potencial e seus produtos para o seu maior consumidor, os Estados Unidos.

A exposição foi inaugurada em 30 de abril de 1904 e encerrada em 1° de dezembro daquele mesmo ano, com o registro de cerca de 20 milhões de visitantes.

Para representar o Brasil no evento, que contou com a presença de 63 países, o então Presidente da República, Rodrigues Alves, nomeou para presidente da comissão brasileira o engenheiro militar Souza Aguiar[4].

2 Atual Tell El-Amarna ou apenas El-Amarna.

3 Nome dado em homenagem a Luiz XIV. Não confundir com o Estado da Louisiana, criado posteriormente.

4 Francisco Marcellino de Souza Aguiar.

Além da presidência da comissão, coube a Souza Aguiar projetar e construir o pavilhão brasileiro em *Saint Louis*.

Lauro Müller que era o Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas da época, requisitou[5] a Souza Aguiar que *"na construção do pavilhão se terá em vista aproveitar toda a estrutura, de modo a poder-se reconstruí-lo nesta Capital"*.

Difícil tarefa, considerando o caráter transitório das obras realizadas para eventos, geralmente com o emprego de madeira e gesso. Nesse sentido, Souza Aguiar explicitou que *"não seria de fácil prática"*, pois, *"não é tão simples como parece, harmonizar o tipo de construção de caráter passageiro, cujo intuito principal é impressionar pelo conjunto, com o de uma obra duradoura, a perdurar longos anos",* mas aceitou o desafio.

Assim, Souza Aguiar optou pelo uso de uma estrutura metálica, que foi posteriormente enviada ao Rio de Janeiro para a reconstrução[6] da obra.

Figura 2 – Vista aérea da Exposição Universal de Saint Louis, 1904.
No canto superior esquerdo, temos o Pavilhão Brasileiro, posteriormente denominado "Palácio Monroe".

Vejamos as características do prédio, que era condizente com os demais prédios da exposição, ou seja, em estilo neoclássico ou para outros, eclético: "*O pavilhão brasileiro media 41 metros de frente por 31 metros de profundidade e ocupava o centro de 5.500 metros quadrados. A abóboda principal, com um raio de 9 metros, erguia-se cerca de 40 metros acima do nível do solo. Em linhas gerais, o pavilhão lembrava o estilo renascentista, sem uma ornamentação profusa. As colunas exteriores de ordem coríntia destacavam, em seu terço inferior, as armas da República, florões e anéis realçavam a simplicidade dos pedestais. Sobre os frisos de cada coluna foi colocada uma rosácea. Entre as colunas, acompanhando a balaustrada e os remates decorativos dos ângulos salientes, apareciam grandes escudos com os nomes dos estados brasileiros. Sobre as pilastras, ladeando as escadas principais de ambas as fachadas, foram colocados dois leões, simbolizando*

5 Aviso n° 148, de 31 de julho de 1903 (Art. 13, inciso 8).

6 Ao que tudo indica, apenas a estrutura metálica do pavilhão brasileiro de *Saint Louis* foi empregada na obra realizada no Rio de Janeiro.

a força, a solidez e a grandeza da construção. O pavilhão era constituído de dois pavimentos, um mezanino e um porão, tendo custado $150.000,00, compreendendo todas as instalações.” [7]

Entre as personalidades que visitaram o pavilhão brasileiro, podemos citar Santos Dumont e Theodore Roosevelt.

Vejamos alguns comentários da imprensa americana:

> “*O edifício do Brasil que vai ser hoje inaugurado é um dos mais belos da Exposição e também do mundo. Bastaria que as mesmas ideias seguidas no projeto e na construção, quanto à ordem, proporções, harmonia e, sobretudo, apropriações fossem tomadas como norma na vida de qualquer país para desenvolvê-lo, torná-lo grandioso em tudo quanto o espírito de seu povo possa conceber e as mãos humanas executar”* (THE POST DISPATCH, 24 de maio de 1904, citado por AGUIAR, 1976: 16).

> *“A execução representa o que há de mais adiantado na arte de construir e já tem despertado muita atenção, sem dúvida, há de ser um ponto atraente para os visitantes interessados em trabalhos de arquitetura e construção. Quem vem de Skinder Road para Clayton vê surgir diante de si alvo e brilhante edifício, rodeado de graciosas colunas coríntias, encima a gigantesca abóboda. O efeito é de se fazer estacar, arrancando espontânea admiração; suas formas personificam a graça. Parado na estrada, observando, em vão se procura uma simples falha, um ponto onde a vista sinta a aspereza de uma linha, onde uma curva, uma janela, qualquer decoração enfim desagrada: procura-se debalde. Percebe-se a arte em todo ele: na simplicidade de sua grandeza, na simetria das dimensões, nas colunas, nas abóbodas das laterais, no zimbório, 135 pés acima do terreno. Essa construção representa um poema.”* (SAINT LOUIS REPUBLIC, 10 abril de 1904, citado por FRIDMAN, 2011: 10).

O pavilhão acabou por obter o primeiro prêmio na categoria arquitetura, ou seja, a medalha do *“Grand Prize Louisiana Purchase Exposition”*[8].

Após o término da exposição, o estande foi desmontado e transportado para o Rio de Janeiro, como previsto. Além de outros objetos, enviou-se ao Brasil a estrutura metálica do pavilhão, tendo-se em vista sua reconstrução.

Em agosto de 1905, Souza Aguiar foi encarregado de reconstruir o prédio em local nobre no Rio de Janeiro, qual seja, no final da Avenida Central[9], que ainda nem havia sido inaugurada.

A ideia inicial era utilizar o prédio como Centro de Convenções.

---

7 *in*, Palácio Monroe: da construção à demolição. Sérgio A. Fridman. 1ª ed. Rio de Janeiro: S.A. Fridman, 2011, p. 8-9.

8 Medalha de Grande Prêmio da Exposição da Compra da Louisiana.

9 A Avenida Central foi inaugurada em 15 de novembro de 1905. Em 12 de fevereiro de 1912, passou a chamar-se Avenida Rio Branco, em homenagem ao chanceler (Ministro das Relações Exteriores), falecido dias antes, o Barão do Rio Branco.

Rio de Janeiro 1905 a 1960

Figura 3 – Palácio Monroe, no Rio de Janeiro. Detalhe do reverso da cédula de 200 Mil-Réis da 16ª Estampa do Tesouro Nacional, que circulou de 1924 a 1955 (R152; P.81).

Em 19 de novembro de 1905, com a presença do Presidente da República, Rodrigues Alves, foi lançada a pedra fundamental do *"Pavilhão de São Luiz"* [10], no Rio de Janeiro.

A inauguração da obra foi marcada para 23 de julho de 1906, data em que se realizaria a 3ª Conferência Pan-Americana, sediada pelo Brasil.

No decorrer da Conferência, propôs o Barão do Rio Branco, acolhendo a solicitação de Joaquim Nabuco[11], que o pavilhão passasse a denominar-se *"Palácio Monroe"* em homenagem ao Ex-Presidente americano James Monroe[12].

O Palácio Monroe, como passara a ser denominado, cumpria as funções para as quais havia sido construído, sendo palco de diversos eventos.

Em 1913, passou a abrigar, provisoriamente, a Câmara dos Deputados, eis que o antigo imóvel da Cadeia Velha, que a abrigava desde 1826, encontrava-se em estado precário. A Câmara dos Deputados ali funcionou até 1922.

Em 1922, o prédio sediou a Comissão Executiva do Centenário da Independência[13].

Em 1923, desviando-se de suas funções originais, o Palácio Monroe foi readaptado para abrigar a sede do Senado Federal, o que veio a ocorrer em 1925. O Senado funcionou no palácio de 1925 até o Estado Novo (1937). Com o fechamento do Senado, passou a abrigar alguns órgãos governamentais (Ministério da Justiça, Departamento de Imprensa e Propaganda e o Departamento de Ordem Política e Social).

Em 1945, abrigou a sede do Tribunal Superior Eleitoral. Em 1946, com o retorno do regime democrático, voltou a receber o Senado Federal, que ali permaneceu até 1960, quando foi transferido para Brasília.

---

10 Nome pelo qual ainda era denominado; deve-se observar que, naquela época, os nomes próprios eram igualmente traduzidos.

11 Na época, embaixador brasileiro nos Estados Unidos (1905-1910).

12 *James Monroe* (1758-1831) foi o quinto presidente dos Estados Unidos. Em 1823, enunciou a política contra o colonialismo europeu no continente americano, conhecida como Doutrina Monroe.

13 Exposição Internacional Comemorativa ao Primeiro Centenário da Independência do Brasil.

Após aquela data, o Palácio Monroe continuou a abrigar, no térreo, a representação do Senado no Rio de Janeiro, mantida até as vésperas da demolição, em 1975. O restante do palácio foi cedido ao Estado Maior das Forças Armadas (EMFA).

No início dos anos 70, por ocasião da construção do Metrô do Rio de Janeiro, foi feito um custoso desvio para evitar prejuízos à estrutura do prédio.

Figura 4 – Foto da enciclopédia Pays et Nations, da Société Grolier, edição de 1951 (obra publicada em diversas línguas, notadamente em inglês, francês e português).
Vejamos a legenda: "Le Palais Monroe est Le Capitole Du Brésil – Le Sénat National du Brésil siège dans le grand édifice blanc que l`on construit comme pavillon du Brésil, pour l'exposition de Saint Louis, em 1904. Après l'exposition, l'on démolit soigneusement ce palais, pour le transporter à Rio et le reédifier là où l'Avenida Rio Branco rencontre l'Avenida Beira Mar, au bord de la baie."
Em língua vernácula, temos: O Palácio Monroe é o capitólio do Brasil – O Senado Federal do Brasil tem a sede em um grande edifício branco que foi construído como pavilhão do Brasil para a Exposição de Saint Louis, em 1904. Após a exposição ele foi cuidadosamente desmontado para ser transportado ao Rio e reedificado lá onde a Avenida Rio Branco encontra a Avenida Beira Mar, à beira da baía. (op.cit. p.183).

Parte II

A representação do Palácio Monroe nas cédulas, nos selos e nos cartões-postais

O Palácio Monroe foi representado no reverso das cédulas de 200 mil-réis da 14ª estampa (1919-1950) e da 16ª (1924-1955), ambas do Tesouro Nacional, que trazem no anverso a efígie do Presidente Prudente de Morais (1894 a 1898).

Essas cédulas fazem parte de uma longa série de valores que foram impressos pela *American Bank Note Company* (ABNCo.), a partir de 1918[14] e que apresentam características semelhantes, quais sejam, estampa em azul sobre fundo policrômico e medalhão central com a efígie do homenageado.

14 Em 1918, foram impressas pela *ABNCo., para o Tesouro Nacional,* os valores de 10, 100 e 500 mil-réis.

Figura 5 – *Specimen* da cédula de 200 mil-réis (R150s; P.79) da 14ª estampa (1919-1950), impressa pela American Bank Note Company de Nova York e emitida pelo Tesouro Nacional. No reverso, o Palácio Monroe, no Rio de Janeiro.

As características da cédula de 200 mil-réis da 14ª estampa (1919-1950) são as seguintes:

- Órgão emissor: Tesouro Nacional
- Fabricante: *American Bank Note Company* (ABNCo.)
- Anverso: Efígie de Prudente de Morais (Presidente da República de 1894 a 1898)
- Reverso: Palácio Monroe no Rio de Janeiro. Nesta época, 1919, um palácio de convenções que abrigava, temporariamente, a Câmara dos Deputados, que ali permaneceu até 1922.
- Dimensões: 189 mm X 89 mm
- Cores: Anverso: Estampa em azul sobre fundo policrômico. Reverso: Estampa em laranja.
- Métodos de impressão: Anverso: Calcografia, litografia e tipografia. Reverso: Calcografia.
- Número da estampa, da série e da cédula em cor carmim.
- Assinatura: Simples autografada.
- Quantidade: Foram impressas 15 séries ou 1.500.000 de cédulas.

Observação: A 16ª estampa é semelhante a esta, divergindo basicamente na cor e nas dimensões.

Em 1924, por ocasião da realização da 16ª estampa do Tesouro Nacional[15], impressa pela ABNCo., optou-se pela utilização dos mesmos motivos da 14ª estampa. No entanto, foram realizadas algumas modificações, por exemplo, na cor do reverso, que foi impresso em sépia.

15 A 15ª estampa do Tesouro Nacional foi impressa pela Casa da Moeda do Brasil pelo método xilográfico, ou seja, gravura em relevo sobre madeira. Foram produzidas, por esse método, 12 séries ou 1.200.000 cédulas.

Figura 6 – *Specimen* da cédula de 200 mil-réis (R152b; P.81b) da 16ª estampa (1924-1955), impressa pela American Bank Note Company de Nova York e emitida pelo Tesouro Nacional. No reverso, o Palácio Monroe, no Rio de Janeiro.

Vejamos as características da cédula de 200 mil-réis da 16ª estampa (1924-1955):

- Órgão emissor: Tesouro Nacional
- Fabricante: *American Bank Note Company* (ABNCo.)
- Anverso: Efígie de Prudente de Morais (Presidente da República de 1894 a 1898)
- Reverso: Palácio Monroe no Rio de Janeiro. Em 1924, o prédio estava sendo readaptado para abrigar o Senado Federal, o que aconteceu em 1925. Aquele órgão permaneceu no prédio até 21 de abril de 1960, quando foi transferido para Brasília.
- Dimensões: 189 mm X 87mm
- Cores: Anverso: Estampa em azul sobre fundo policrômico. Reverso: Estampa em sépia.
- Métodos de impressão: Anverso: Calcografia, litografia e tipografia. Reverso: Calcografia.
- Número da estampa, da série e da cédula em cor carmim.
- Assinatura: Simples autografada.
- Quantidade: Foram impressas 85 séries ou 8.500.000 cédulas. Foram emitidas 7.500.000 cédulas de 200 mil-réis da 16ª estampa pelo Tesouro Nacional. As séries 1ª a 35ª foram emitidas em 1924 e as séries 36ª a 85ª, em 1942. A Caixa de Estabilização emitiu, em 1926, 100.000 cédulas da 10ª série (R182; P.109E) com superimpressão daquele órgão. Estas foram desmonetizadas em 1951. O Tesouro Nacional emitiu as outras 900.000 restantes, em 1942, por ocasião do advento do novo padrão monetário, o cruzeiro, aproveitando as séries 37ª/45ª e 46ª/48ª com a aposição de dupla superimpressão da Casa da Moeda, em forma de rosácea. Estas cédulas foram desmonetizadas juntamente com as demais, em 1955.

Observação: Essa cédula apresenta confetes coloridos, incorporados ao papel. Até a 35ª série, a palavra Brasil foi grafada com "z".

Em geral, procura-se uma correspondência entre o anverso e o reverso das cédulas. Nessas, que analisamos, a única correspondência que nos parece plausível entre Prudente de Morais (1841-1902) e o Palácio Monroe (1905-1976) é o fato de pertencerem a um mesmo período, o da Primeira República (1889-1930).

O prédio foi representado nas cédulas por suas próprias características arquitetônicas, ou seja, enquanto "centro de convenções"[16] e por sua importância no cenário nacional e internacional, sede de congressos no coração da capital. Em 1924, quando do lançamento da 16ª estampa do Tesouro, mesmo não possuindo informações, acreditamos que o fato do prédio estar sendo readaptado para abrigar o Senado Federal, possa ter influenciado na "reedição" da estampa de 1919 para a nova cédula de 200 mil-réis.

Em analisando as cédulas emitidas pelo Tesouro Nacional, desde o Império, podemos constatar a presença de bem poucos prédios individualizados na iconografia numária. Podemos citar: Palácio Imperial de Petrópolis (hoje Museu Imperial), no anverso das cédulas de 1$000 réis da 7ª estampa do Império e da República; o Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, no reverso da cédula de 50$000 réis da 6ª estampa do Império; o prédio da Caixa de Amortização[17], no reverso da cédula de 10$000 réis da 11ª estampa de 1907 e, ainda, o edifício da Ilha Fiscal, no reverso da cédula de 5$000 réis da 13ª estampa de 1908.

Todos esses prédios são tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional. O Monroe faz exceção...

Devemos registrar, ainda, que o Palácio Monroe vinha sendo um dos principais "cartões-postais" do país desde sua inauguração. Em livros, postais, propaganda, enfim, numa série de informativos sobre o Brasil, desde 1905, ou mesmo antes, com o pavilhão de *Saint Louis*, até os anos 60, o Palácio Monroe figurou, ao lado do Pão de Açúcar, do Teatro Municipal e da Biblioteca Nacional, para ficarmos entre os mais importantes, como cartão de visita da cidade e do país.

Em observando os catálogos brasileiros[18] de cédulas, podemos constatar que alguns deles mencionam que as cédulas de 20$000 réis do Banco do Brasil, emitidas em 1923 e 1930, da primeira e segunda estampas (R197; P.116 e R205; P.117) apresentam, no reverso, o *"Palácio Monroe no Rio de Janeiro"*.

Ledo engano, eis que, mesmo que parecido, trata-se do *"Palácio da Liberdade"* em Belo Horizonte, conforme consta do edital da cédula de 20$000 mil-réis da 2ª estampa (R205; P.117) do Banco do Brasil, de setembro de 1931, vejamos:

> "Faço publico que a diretoria do banco aprovou o modelo das notas de papel-moeda do valor

16 Quando da emissão da cédula de 200 mil-réis da 14ª estampa, em 1919.

17 O prédio da Caixa de Amortização foi representado em diversas outras cédulas do Tesouro e da Caixa de Conversão e Estabilização; foi ainda representado no reverso das cédulas de 1 cruzeiro de 1970, impressas pela Casa da Moeda do Brasil.

18 No caso, o catálogo de Cédulas do Brasil 1833 a 2011 de Claudio Amato e o de Violo Idolo Lissa, Catálogo do Papel Moeda do Brasil.

> de **20$000** e 50$000, da estampa 2ª, fabricadas pela ***American Bank Note Company***. cujos característicos são os seguintes:
> Notas de 20$000:
> No anverso:
> Impressas em papel branco sobre fundo de três cores (verde, rosa e "marrom"), medindo 142 milímetros de comprimento por 73 milímetros de largura, tendo no lado direito uma gravura representando a efígie de **Arthur Bernardes** e nas partes laterais, em cor preta, uma faixa, tendo nos quatro cantos da cédula, bem como no Centro, gravado o número "20". Em cima traz a designação de "Banco do Brasil" "Na séde do Banco do Brasil se pagará ao portador desta"; no centro, o número "20" e em baixo deste "de acordo com a lei n. 4.635-A, de 8 de janeiro de 1923, a quantia de vinte mil réis".
> A numeração, estampa e série são impressas em tinta azul da Prússia.
> No verso:
> O verso da nota é impresso em tinta "marrom", tendo, no centro, **uma gravura do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte**; dos lados deste e nos quatro cantos o número "20". Em baixo da gravura, as palavras "Banco do Brasil". (Diário Oficial da União de 28 de setembro de 1931, p. 15336) (grifo nosso).

Como vimos, o Palácio Monroe foi representado em duas cédulas do padrão mil-réis, sendo que uma delas foi reaproveitada pela Caixa de Estabilização e, depois, pelo Tesouro Nacional para a emissão das primeiras cédulas do cruzeiro, totalizando quatro emissões distintas. A mais rara delas, considerando o valor de cotação no mercado, é a de 200 cruzeiros, com superimpressão, das séries 46/48, que apresenta a série e os números separados. Aliás, é a de maior cotação entre as cédulas do novo padrão, o Cruzeiro, até as emissões contemporâneas do Real.

A imagem do Palácio Monroe foi gravada pelas duas maiores empresas de impressão da época, a *American Bank Note Company* de Nova York (ABNCo.) e a *Waterlow & Sons* de Londres. Assinala-se que, boa parte do papel-moeda e dos selos postais circulantes no mundo, naquela época, eram impressos por essas duas companhias.

Como já havíamos afirmado, o Palácio Monroe foi representado inúmeras vezes em cartões-postais, desde seu aparecimento até sua demolição, como um dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro.

Figura 7 – Palácio Monroe, magnificamente representado nos selos brasileiros em setembro de 1937, nos valores de $200 réis (C-119) e 2$000 réis (C-122).
A impressão foi realizada pela Waterlow & Sons de Londres.

Figura 8 – Cartão-postal do Palácio Monroe no Rio de Janeiro, s/d, cerca 1905-08.
Impresso pela Papelaria Zenith, Rua do Ouvidor, 127, Rio de Janeiro.

Parte III

Rio de Janeiro 1976 - A demolição

> *“**Um país se faz de homens e livros**” na frase de Monteiro Lobato. Em 1964 afastaram-se os homens, esqueceram-se os livros... E demoliram-se os prédios...*

Até 1972, tudo ia bem com o Palácio Monroe, mesmo que não utilizado como previsto inicialmente, ou seja, como centro de convenções. Nessa época, o Clube de Engenharia encaminhou ao DPHAN (hoje IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) uma solicitação de tombamento do conjunto arquitetônico remanescente da Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco)[19]. Esta solicitação incluía, entre outros, o Palácio Monroe.

19 Parecer-parte do Processo 860-T-72.

O arquiteto Lúcio Costa, já aposentado da Divisão de Estudos e Tombamento do órgão, manifestou-se contra a proposta de preservação de diversas obras, entre elas, e com maior ênfase, a do Palácio Monroe.

A pergunta que se faz aqui é por que Lúcio Costa se manifestou sobre esse assunto mesmo estando aposentado e, ainda, o porquê de se "entregar as ovelhas ao lobo", um modernista em face de prédios neoclássicos. Nessa ótica, se Lúcio Costa ocupasse um cargo similar em Paris, ele simplesmente reduziria a cidade a escombros e restaria apenas *"La Défense"*[20]. No entanto, devemos considerar o momento dos fatos.

O trecho adaptado na primeira parte deste texto é inspirado nas suas alegações, vejamos na integra:

> *"esse conjunto [a ser tombado], para ter sentido (...) deveria de qualquer forma limitar-se apenas ao trecho inicialmente proposto, isto é, dos clubes à biblioteca, porquanto daí para adiante já não tem qualquer significação, e Pereira Passos com sua desenvoltura demolidora teria sido o primeiro a tirar dali* ***o aviltado Pavilhão Monroe, cuja presença estorvante já não se justifica. O desafogo da área se impõe".*** (COSTA, apud PESSÔA, 1998:275) (grifo nosso)

A "discussão" chegou à imprensa pelas mãos do jornal "O Globo", na época, de tendência conservadora. Vejamos a opinião do arquiteto Wladimir Alves de Souza, professor de Arquitetura da Universidade do Brasil, publicada naquele jornal em 4 de julho de 1974:

> "... a construção não tem o menor valor arquitetônico é a cópia do pavilhão brasileiro construído em 1904 para a Exposição de Saint Louis, nem representa um marco histórico. Sua arquitetura é eclética, resultado da mistura de diversas tendências, e apresenta estilos grego, renascentista e mesmo da arte moderna. É apenas uma cópia".

Se assim fosse, a opinião serviria como justificativa para a demolição do Coliseu de Roma, que apresenta, em sua fachada, as três ordens da arquitetura clássica: dórica, jônica e coríntia. Poderíamos acrescentar, também, todas as inspirações na arquitetura antiga, mesmo o Plano Piloto, como vimos.

O Jornal do Commercio, por sua vez, com coragem, militava a favor do edifício, apesar do regime militar.

---

20 "A Defesa", maior centro financeiro de Paris, construída a partir de 1958, em estilo modernista.

Foram muitas as manifestações de apoio a sua preservação, uma delas, a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que opinou em seu relatório de 14 de agosto de 1974:

> "... a Comissão designada pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico é de parecer, por maioria de votos, que o Palácio Monroe não deve ser demolido e que devem ser envidados esforços para que o edifício seja restaurado de modo a retornar o mais possível a sua forma original; assim procedendo, estaremos preservando um notável valor histórico e arquitetônico brasileiro e estaremos salvaguardando uma obra que há setenta anos projetou, gloriosamente, o nome do Brasil no estrangeiro".

Para ficarmos em apenas um exemplo: Em 1975, a Justiça Federal solicitou o uso do edifício, alegando enfrentar problemas de espaço de sua representação no Rio de Janeiro. Nota-se que o Brasil era carente de edifícios públicos e, mesmo assim, intentavam demolir o que já existia.

Em 11 de outubro de 1975, o Jornal O Globo comemorou o decreto presidencial que autorizava a demolição, e mencionando que isto seria um "estímulo à remodelação da área".

A área foi "remodelada". Colocou-se nela o antigo chafariz da Praça XV e, recentemente, até mesmo a terra foi retirada para a construção de uma garagem subterrânea.

A atitude tomada pelo Presidente da República Ernesto Geisel, em 1976, lembra a insensatez de um califa egípcio que intentou demolir as pirâmides de Gizé:

> "A pirâmide de **Miquerinos** (...) na antiguidade, infelizmente, atraiu a atenção do califa *Malek al-Azis Othman Ben Youssef* que, sem que saibamos por que, decidiu demolir as três pirâmides de Gizé. *Adb el-Latif*, de Bagdá, nos conta esta historia: **Ele foi convencido por alguém de sua corte – de pessoas desprovidas de bom senso e de julgamento – de tentar demolir as pirâmides.** Ele enviou então homens comandados por oficiais da corte, com a ordem de destruir a pirâmide vermelha, que é a menor das três. Eles se estabeleceram não muito longe de lá, recrutando a preço de ouro os trabalhadores da região e durante oito meses se consagraram com grande empenho à missão que lhes havia sido confiada, removendo a cada dia, com grande dificuldade, uma ou duas pedras que eles deviam retirar do lugar com alavancas e cunhas e em seguida, descer com cordas. Quando um desses enormes blocos caia, se escutava, de muito longe, um estrondo enorme, e o choque sacudia o solo e fazia tremer a montanha. (*Abd el-Latif de Bagdad*, mencionado em L. Cottrell, The Mountains of Pharaoh, Londres, 1956, p.73)." (***in***, Egypt L`Histoire de la Redécouverte d`une Civilisation Disparue. Joyse Tyldesley, Phon, 2006, p.135-136.

E prossegue: “Ao menos o Califa teve o bom senso de começar pela pirâmide menor. Depois de oito meses de trabalho duro, pouco progresso se fizera e eles foram forçados a abandonar o projeto, não deixando na alvenaria da pirâmide mais do que marcas superficiais”. (IBID, p.136).

No caso do Palácio Monroe, devido à solidez do prédio, foi necessário utilizar, além das picaretas manuais, até britadeiras. Os trabalhadores permaneceram no local durante meses intermináveis.

O material da demolição foi vendido a particulares e, em especial, os leões que guarneciam as entradas. Dois deles encontram-se atualmente no Instituto Ricardo Brennand, em Recife, onde podem ser vistos.

A demolição do prédio representou uma grande perda para a cidade e para o país.

Conclusão

Clássica, Neoclássica, A*rt Nouveau*, Eclética, Moderna, Pós-moderna e sem estilo definido, o que nos parece bem lógico é a preservação daquilo que tem um significado histórico relevante, como podemos notar nas explanações de Gilberto Ferrez a cerca do antigo prédio da Casa dos Governadores, depois “Casa dos Contos”, que abrigou a primeira sede do Banco do Brasil, na antiga Rua Direita no Rio[21]. Vejamos:

> “É (...) dessa casa que se fala no precioso *Diário Anônimo de uma viagem às costas d’África e às Índias Espanholas de 1702-3”.*
> *“A rua mais comercial e a mais frequentada, é aquela onde mora o governador e que chamam a grande rua. É bastante larga, bastante comprida e compreende sozinha mais da metade da cidade.” [...] “No meio desta rua, do lado do mar está a* ***Casa do Governador, que não é grande coisa.***
> **É óbvio que, comparada aos palácios e castelos da França, era pouca coisa. Mas no Brasil colonial, com parcos recursos técnicos e financeiros, essa sóbria residência era um nobre casarão à feição da arquitetura brasileira do século XVII.** (...) *infelizmente foi demolida em 1870 para dar lugar, mais tarde – após grande reformas – ao Banco do Brasil”.* (*in*, O Paço da cidade do Rio de Janeiro. Gilberto Ferrez. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1985, p. 13) (grifo nosso).

É notória a insatisfação da população frente à demolição do Palácio Monroe, acreditamos que uma boa solução para a questão seria buscarmos inspiração nos casos da igreja de Dresden (*Frauenkirche Dresden*) e de outras cidades alemãs, como Potsdam, que reconstruíram diversos prédios destruídos durante a 2ª Guerra Mundial.

A reconciliação com o passado *se impõe* para melhor vivermos o futuro.

---

21 O atual prédio pertence ao Banco do Brasil desde 1905 e abriga, hoje, o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) no Rio de Janeiro.

Notas:
1. A primeira parte desta matéria, alusiva ao Palácio do Congresso Nacional, mesmo que fictícia, foi baseada em fatos reais. Durante um jogo da Copa do Mundo de Futebol de 1986, no centro da capital paulista, foi demolido um casarão dos anos 30, já com aspectos do modernismo. Além do edifício, havia uma grande área verde, também abatida na mesma oportunidade. Hoje, no local, existe um estacionamento e o remanescente dos muros; uma grande perda para a cidade.
2. Em nenhum momento se pensou em diminuir a importância da arquitetura modernista e nem mesmo supervalorizar o neoclássico. São dois estilos diferentes, de épocas diferentes e acreditamos que não contraditórios.
3. O conteúdo da primeira parte desta matéria é fictício, não tendo a pretensão de prejudicar a imagem dos arquitetos mencionados, todos de grande importância no mundo da arquitetura.
4. Esta matéria não é exaustiva no que concerne aos acontecimentos que conduziram à demolição do Palácio Monroe e nem mesmo cita cada um dos envolvidos.
5. Procuramos demonstrar aspectos menos conhecidos do prédio, como sua presença nas cédulas, nos selos e cartões-postais, no material publicitário e, ainda, nos livros. Evitamos discorrer sobre os pormenores da demolição e da política da época, eis que o material é abundante em teses universitárias, livros, etc.
6. O Palácio Monroe foi "recriado" na minissérie *Mad Maria* da Rede Globo, em 2005, pela equipe de cenografia e computação gráfica que realizou o trabalho a partir de fotos da época. Os acontecimentos na minissérie se passam em 1910...

Bibliografia:

AGUIAR, Louis de Souza. Palácio Monroe: da glória ao opróbrio. Rio de Janeiro: edição do autor, 1976.
AMATO, Claudio Patrick. DAS NEVES, Irlei Soares. SCHÜTZ, Julio Ernesto. Cédulas do Brasil, 1833 a 2011. 5ª edição, 2011
ATIQUE, Fernando. O Patrimônio (Oficialmente) Rejeitado: A destruição do Palácio Monroe e suas repercussões no ambiente preservacionista carioca. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH- São Paulo, julho 2011.
Cédulas Brasileiras da República, emissões do Tesouro Nacional. Banco do Brasil S.A. Museu e Arquivo Histórico, Rio de Janeiro, 1965.
FERREZ, Gilberto. O Paço da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1985.
LISSA, Violo Ídolo. Catálogo do Papel Moeda do Brasil – 1771-1986, emissões oficiais bancárias e regionais. Brasília: Editora Gráfica Brasiliense, 3ª edição, 1987.
FRIDMAN, Sérgio A. Palácio Monroe: da construção à demolição. Rio de Janeiro: edição do autor, 2011.
Pays et Nations. Amérique Latine. Tomo VII. Montréal : La Société Grolier Quebeb limitée (The Glolier Society Inc. USA), 1951.
TYLDESLEY, Joyse. Egypt – L`Histoire de la Redécouverte d`une Civilisation Disparue. Paris : Phon, 2006.

Anexo

Publicidade do Café Brasileiro no jornal francês L`Illustration de 25 de agosto de 1934, página dos anúncios nº 5. Na legenda temos: “Le plus beau pays du monde produit aussi le meilleur café (…) Café du Brésil”.
Em língua vernácula temos: O mais belo país do mundo produz também o melhor café (...) Café do Brasil.
No centro, temos uma belíssima imagem do Palácio Monroe.

(*) Marcio Rovere Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: http://sterlingnumismatic.blogspot.ca

RECORDANDO O PASSADO...

O colecionador catarinense Ademar Goeldner adquiriu um lote de "santinhos" relacionados a episódios da religião cristã.

Entre as peças, foi encontrada uma, emitida pelos funcionários da DCT - Diretoria de Correios e Telégrafos, do ano de 1941, lembrando uma Missa Pascal, ocorrida na Catedral Metropolitana de Florianópolis.

Lembrança

— da —

Páscoa dos Funcionários Postais-Telegraficos

realizada a

25 - 5 - 1941

— na —

Catedral Metropolitana

Florianópolis

Mais um gol para a Alemanha

A Alemanha fez uma bela campanha na Copa, disso ninguém duvida. Mas não foi só lá, nos campos, que mostrou sua eficiência.

A Alemanha também marcou um gol na filatelia. Segundo o jornal Linn's Stamp News, o Deutsche Post, o correio alemão, não perdeu tempo para emitir um novo selo celebrando o tetracampeonato na Copa do Mundo FIFA de futebol de 2014 (a Alemanha vencera anteriormente as Copas do Mundo de 1954, 1974 e 1990).

Sem muito esperar, o Deutsche Post anunciou para 17 de julho, quatro dias após o término da Copa, o lançamento do selo da vitória.

E, assim, aconteceu. O novo selo mostra uma imagem de dois jogadores em campo, correndo em direção a uma bola de futebol: um jogador da equipe alemã em primeiro plano, com um adversário em segundo plano. O selo não mostra rostos e números das camisas. Afinal, trata-se de uma equipe...

Sobrepondo o design horizontal, há quatro linhas de texto em letras maiúsculas: DEUTSCHLAND FUSSBALL WELTMEISTER 2014 (que se pode traduzir como "Alemanha Campeã Mundial de Futebol 2014").

O valor facial "60" está impresso em preto, no lado direito do selo.

Para concluir: O jornal Linn's menciona que o conceituado Wall Street Journal informou que o correio alemão, pouco antes da partida final da copa, emitiu cinco milhões de selos, tamanha era a confiança na vitória.

Reuniões regulares da AFSC
Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14:30 horas

PARTICIPE!

Se você ainda não é associado da AFSC, venha fazer parte de nossa Associação:
Procure um de nossos diretores.

ou preencha a ficha de associação em:

www.afsc.org.br

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT

Diretoria Regional de Santa Catarina
Seção de Filatelia

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva – gabrielgd@correios.com.br
Amanda Ferreira Martins – amandafmartins@correios.com.br

Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados

Rua Romeu José Vieira, 90 – bloco B – 7º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário – São José/SC
CEP 88110-906 – Telefone: (48) 3954-4032

Unidades com Atendimento especializado em Filatelia
Selos Comemorativos e Editais
Envelopes Comemorativos - Coleções Anuais

Em Florianópolis: Agência Central de Florianópolis
Praça XV de Novembro, 242
CEP 88010-970 – Telefone (48) 3229-4336

Em Blumenau: Agência Victor Konder – Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 – Telefone (47) 3340-6772

Em Joinville: Agência Joinville – Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 – Telefone (47) 3433-1574

As Medalhas contam a História do Brasil - VI

Primeira Exposição Nacional - 1861

Claudio Amato - São Paulo, SP (*)

A Primeira Exposição Nacional brasileira aconteceu no prédio da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que está retratado no reverso da medalha.

A abertura da Exposição aconteceu às 11 horas da manhã de 2 de dezembro, dia do 36º aniversário de D. Pedro II, sendo esta a primeira festa pública a que compareceram as Princesas Isabel e Leopoldina.

A solenidade de abertura foi conduzida pelo Presidente da Exposição, o Marquês de Abrantes, com um discurso que terminou com as seguintes palavras: "Senhor, o dia de hoje, aniversário natalício de Vossa Majestade Imperial, tem de acrescentar aos seus fastos gloriosos o da abertura desta nossa primeira exposição. Aos títulos de gratidão ao excelso príncipe, que desde o berço tem mantido a integridade e as instituições políticas do Brasil, ajuntar-se-á d'ora em diante o do nosso profundo reconhecimento ao ilustrado Monarca, que tão desveladamente promove o melhoramento material e moral do seu vasto Império".

Ao que o Imperador respondeu: "As festas da inteligência e do trabalho são sempre motivo do mais fundado regozijo. Minhas animações nunca deixarão de procurar a quem concorre para o engrandecimento da nossa Pátria".

De fato, o Imperador era um grande incentivador da Indústria e da tecnologia, principalmente aquela que podia contribuir para o progresso do Brasil, ao contrário de sua bisavó, D. Maria I que decretou, em 1792, a proibição total da indústria no solo brasileiro. D. Pedro II visitou diversas vezes a Exposição para conhecer detalhadamente os vários produtos apresentados, vindos de quase todas as províncias do Brasil. Registra-se também a doação de vultosa soma,

oriunda de suas finanças pessoais, para a realização da exposição.

A exposição, visitada por 50.703 pessoas, foi encerrada em 15 de janeiro de 1862. No dia 14 de fevereiro desse mesmo ano, foram distribuídas medalhas premiais de prata e cobre para os expositores que se destacaram no evento. Mas esse é um outro assunto que fica para uma outra vez.

Dados Técnicos da Medalha:
Material: Prata e Cobre (quantidade desconhecida).
Tamanho: 51 mm
Peso: Prata: 66 gramas e Cobre: 58 gramas.
Gravador: Christian Luster

(*) Claudio Amato
E-mail: camato@claudioamato.com.br

LER MAIS

Para este número, selecionamos os seguintes títulos encontrados na Biblioteca da AFSC e à disposição dos associados:

1. O Catálogo de Assinaturas do Brasil, primeira edição, publicado pela Editora RHM, em 2013. Este trabalho, em 136 páginas e dividido em dez capítulos, traz os autógrafos de várias personalidades luso-brasileiras: autoridades monárquicas, presidentes, artistas, políticos, visitantes ilustres, entre outros. Inclui a cotação de mercado. Importante fonte de pesquisa.

2. O livro: Introdução ao Estudo da Filatelia, de Raimundo Galvão de Queiroz, Editora do Autor, de 1980.
Trata-se de um bom intróito ao colecionismo de selos, abrangendo de forma didática a história dos Correios, dos selos e sua forma de impressão e detalhes técnicos. Finaliza com uma coletânea de verbetes filatélicos.

3. O catálogo francês Classiques Du Monde, da Editora Yvert et Tellier, de 2005.
Contempla o preçário e características de todas as emissões de 1840 a 1940, ou seja, o primeiro centenário dos selos postais. Edição colorida e preços em Euros.

Estudos dos tipos de documentos filatélicos
O caso dos blocos comemorativos

Diego Salcedo - Recife, PE

Colecionar selos postais e participar no campo da Filatelia (ou do colecionismo filatélico) é uma atividade carregada de afetividade e construída num contínuo e ininterrupto processo histórico. Dessa atividade, surgem inúmeras possibilidades, tanto de aprofundar os estudos sobre os selos, quanto ampliar a visão sobre os objetos que podem fazer parte da coleção. É nesse sentido que tenho utilizado a terminologia "documentação filatélica" para designar toda peça (objeto colecionável) que constitui o campo Filatélico. Dito isso, um dos tipos de documentos filatélicos que podem compor uma coleção é usualmente chamado de "bloco" ou "bloco comemorativo", assunto deste pequeno ensaio.

O bloco ou bloco comemorativo pode ser definido como um documento filatélico constituído de um ou mais selos impressos em pequena folha, com tiragem limitada, em que um dado tema indicará quais serão os motivos ilustrados em sua superfície textual. Por exemplo: se o tema selecionado for futebol, o motivo pode ser ilustrado por meio das bandeiras ou escudos dos times da primeira divisão. Se o tema escolhido for preservação ambiental, o motivo pode ser a ilustração de animais (fauna) e plantas (flora) que estão em extinção e assim por diante. O bloco pode ser usado no todo ou em parte para pagar o custo de envio de correspondências, da mesma forma que é feito com os selos postais. O selo no bloco pode ser disposto nas posições horizontal ou vertical, pode ser ou não picotado e, além disso, pode ou não ser igual, tanto em relação aos demais selos do bloco, quanto à folha do bloco.

O bloco comemorativo, como indica seu nome, é um documento emitido pelos Correios em conformidade com as regras que, também, são utilizadas para emitir um selo postal comemorativo ou especial, a partir do que está exposto na Portaria do Ministério das Comunicações, nº 500, de 8 de novembro de 2005, como indica no seu Artigo 3º:

> "...as emissões de selos comemorativos ou especiais deverão ser alusivas aos seguintes temas: I - eventos ou manifestações culturais, artísticas, científicas e esportivas de repercussão nacional ou internacional, que apresentem interesse temático; II - acontecimentos históricos; III - ação governamental; IV - personalidades; V - Chefes de Estado; VI - atletas que obtiverem a primeira colocação nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, promovidos por inspiração do Barão Pierre de Coubertin; VII - ganhadores de Prêmio Nobel; VIII - preservação do meio ambiente; IX - aspectos do turismo nacional; e X - valores da cidadania, direitos humanos e outros assuntos relacionados ao bem-estar da humanidade". (SALCEDO, 2010, p. 203)

O colecionador de blocos ou selos de blocos (existem pessoas que colecionam o bloco e o selo separado do bloco) não deve confundir a nomenclatura bloco comemorativo com os chamados “Blocos de Quatro”. Estes são sinônimos de “Quadras” e dizem respeito ao conjunto de quatro selos iguais ou não, ligados entre si. Feita essa observação, passemos para alguns dados históricos.

Figura 1 - Quadra com selos diferentes

Figura 2 - Quadra com selos iguais

O bloco considerado, por grande parte dos filatelistas e colecionadores do mundo, o primeiro do tipo, na História da Filatelia, foi emitido em Luxemburgo no dia 3 de janeiro de 1923. No Catálogo Mundial de Selos Postais Scott, editado nos Estados Unidos da América pela AMOS, o código de identificação é o n° 151 (STANDARD..., 2002, p. 365). O selo do bloco ilustra uma visão panorâmica da cidade de Luxemburgo, tem o valor facial de 10 francos, em tom de verde, e celebra o nascimento da Princesa Elisabeth, filha da Grande Duquesa Charlotte e do Príncipe Félix de Bourbon-Parma.

Figura 3 - Primeiro Bloco Comemorativo - Luxemburgo - 1923

Depois dessa emissão, o bloco comemorativo foi transformado num fenômeno postal mundial, sempre acompanhando de perto as emissões dos selos postais. Em alguns países, desde meados do século XX e início do século XXI, para cada selo postal emitido havia um bloco correspondente. Isso configura, em certa medida, tanto uma alta estima e boa recepção desse objeto colecionável pelos colecionadores, quanto uma visão inovadora no mercado filatélico, por parte dos Correios.

No Brasil, não poderia ser diferente. O primeiro bloco comemorativo foi emitido no dia 22 de outubro de 1938. Teve como tema a Primeira Exposição Filatélica Internacional – BRAPEX, ocorrida no Rio de Janeiro. Os motivos ilustrados no bloco e nos selos são quatro: no bloco, o próprio evento, por meio de um mapa; nos dez selos, com valor facial de 400 réis, em tons de verde, que constituem o bloco, estão as imagens de Sir Rowland Hill, do Penny Black e do Olho de Boi.

Conforme o código de identificação do Catálogo de Selos Postais do Brasil, editado pela RHM, em 2013, este é o Bloco n° 1 (B-1) e o selo do bloco, quando separado do bloco, é o Selo Comemorativo n° 132 (C-132), (MEYER, 2013, p. 185). Desde então os Correios do Brasil já emitiram, entre 1938 e 2012, um total de 169 blocos (MEYER, 2013, p. 527).

Figura 4 - Primeiro Bloco Comemorativo - Brasil - 1938

Referências

MEYER, Peter. **Catálogo de Selos do Brasil**. 58. ed. São Paulo: RHM, 2013.

SALCEDO, Diego Andres. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros**: 1900-2000. Recife: EDUFPE, 2010.

STANDARD Postage Stamp Catalogue. 158. ed. Ohio: AMOS, 2002. v. 4, p. 365.

CORREIOS DA COLÔNIA DE AZAMBUJA

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

A **Colônia Azambuja** foi um dos primeiros assentamentos de imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Ela foi fundada em 28 de abril de 1877, sendo seu diretor o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira. Foi planejada pelo Presidente da Província, Dr. Alfredo de Escragnole Taunay, que ao Governo Imperial encareceu a necessidade de núcleos coloniais.

Em função dos problemas econômicos e políticos decorrentes do processo de unificação da Itália, grupos de imigrantes sonhavam em fazer riqueza na América. Uma intensa campanha, realizada entre os anos de 1876 e 1878, pelas companhias de colonização e com o apoio de alguns padres, atraiu a atenção de muitos italianos descontentes com as dificuldades encontradas naquele momento. Assim, em abril de 1877, chegava ao sul da Província a primeira leva de 49 imigrantes vênetos que constituiriam a Colônia Azambuja, no atual município de Pedras Grandes, próximo a Tubarão. Os italianos vieram ao Brasil no navio francês Rivadávia, que saiu do porto francês Le Havre em direção ao Rio de Janeiro, sendo, em seguida, levados até Desterro (Florianópolis) e posteriormente, em pequenos barcos, até Laguna. Daí para frente, a viagem foi feita a pé e com carros de tração animal, até seu destino final, a Colônia Azambuja.

A Portaria de 21 de novembro de 1876 do ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Tomás José Coelho de Almeida, designara uma comissão para discriminação e medição das terras públicas existentes no sul de Santa Catarina. Tal comissão foi formada pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira (chefe), pelo agrimensor Augusto Barradon e pelo tenente Brás Nogueira Pinto, que se instalaram no vale do rio Tubarão, em janeiro de 1877. Os primeiros imigrantes, encaminhados para o vale em abril do mesmo ano, foram entregues à comissão que, criada a fim de prover medições, acabou imbuída da tarefa de colonização. O grupo então formado dirigiu-se à confluência do rio Pedras Grandes com o rio Tubarão, onde foi fundada, precipitadamente, a Colônia Azambuja.

A Colônia Azambuja - ano de 1888.

Na sede da nova localidade, foram abertas duas ruas e construída uma pequena praça, em cujo centro foi levantado um mastro, onde, em datas festivas, tremulava a bandeira do Império.

Da sede da Colônia de Azambuja, os imigrantes foram redistribuídos para Canela Grande, Rio dos Bugres, Rio Cintra e Armazém. Somente mais tarde, um ano depois, chegava o segundo grupo de imigrantes para fundação de Urussanga, seguida por Cocal e Criciúma.

Em "Colonização do Estado de Santa Catarina", Florianópolis, 1917, Jacintho Antonio de Mattos diz:

> *"O núcleo de Azambuja foi fundado a 28 de abril de 1877, no vale do rio das Pedras Grandes, afluente do Tubarão."*
>
> *"Os primeiros colonos, em número de 76 famílias, desembarcaram no porto de Passo do Gado a 16 de maio e no de Morrinhos a 19. Foram recolhidos aos ranchos de hospedagem de Urussanga a 28 e localizados em seus lotes a 12 de junho, tudo em 1878."*
>
> *"Foram localizados até agosto (1880) 395 imigrantes."*
>
> *"Por decreto número 2.366, de dezembro daquele ano (1881), foi a colônia emancipada."*
>
> *"Por ocasião da emancipação, a população era de 1.820 almas de nacionalidade italiana, tendo havido desde o tempo da fundação 267 nascimentos, sendo 152 do sexo feminino e 115 do masculino. O número de óbitos foi de 85 pessoas, sendo 46 homens e 39 mulheres*."

O Governo Imperial gastou, com a implantação do núcleo, a soma de 622:740$878. A prosperidade de Azambuja foi grande, tanto que, no final do ano de 1881, foi emancipada.

Ao chegarem, os primeiros imigrantes recebiam da Companhia Colonizadora apenas seu lote de terra, que deveriam limpar, roçar e plantar. Não havia, na região, boas estradas de rodagem e nenhuma estrada férrea. Em relação às estradas de rodagem, estas aparecem no relatório do ano de 1878, do então 1º vice-presidente da Província de Santa Catharina, Joaquim da Silva Ramalho, que mencionava a necessidade da "*conclusão das estradas de Urussanga e Rio dos Porcos, estimadas em 26 contos de réis*". (RAMALHO, Joaquim da Silva. Relatório com que ao Exm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Ramalho, 1º vice-presidente passou a administração da provincia de Santa Catharina ao Exm. Sr. Dr. Jose Bento de Araujo, em 14 de fevereiro de 1878. Desterro: Typ Regeneração R. de João Pinto n. 20. 1878. p. 49. Disponível em: Center for Research Libraries – Brazilian Government Documents - http://www.crl.edu/brazil. Acesso em: 17 fev. 2012).

Posteriormente, Azambuja erigiu a igreja de N. Sra. das Graças que, em 1904, tornou-se capela curada. Em 1905, estabeleceu-se no curato um padre italiano, Domingos Bonavero, com Provisão de Coadjutor da paróquia de Tubarão. De 1905 a 1930, foi cura o padre Caetano Cocciloro. Constituída, então, a paróquia de Pedras Grandes, dela passou a fazer parte a igreja de Azambuja.

Finalmente, em 20 de dezembro de 1961, formou-se o município de Pedras Grandes, do qual fazia parte Azambuja. A prosperidade e a expansão de Azambuja contribuíram para a criação do município de Pedras Grandes, com sede junto à Estrada de Ferro.

A Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina foi aberta por uma companhia inglesa, em 1884, ligando o porto de Imbituba às minas de carvão de Lauro Muller. A ferrovia passou para o Governo da República em 1903 e arrendada à E. F. São Paulo - Rio Grande, em 1910. A Estação de Pedras Grandes foi inaugurada com a linha, em 1884.

> "*Esta estação (Pedras Grandes) está destinada a servir à colônia Azambuja, distante para o sul cerca de duas léguas, e, no caso da construção de um ramal à localidade de Urussanga e ao fertilíssimo município de Araranguá (...)*" (**Estudo Descriptivo das Estradas de Ferro do Brazil*, de Cyro Diocleciano Ribeiro Pessoa Jr., Imprensa Nacional, 1886).
>
> "*A ferrovia possui sete estações, Imbituba, Bifurcação, Laguna, Piedade, Pedras Grandes, Orleans e Minas, tendo (também) pontos de paradas (...) Todos os edifícios são de tijolos e pedras. Acha-se em estado regular. Tem armazéns em todas as estações exceto Bifurcação e Orleans (...)*" (*Relatório de 1887, apresentado por João Caldeira d'Alvarenga Messeder, engenheiro fiscal da estrada, ao Presidente da Província de Santa Catharina*).

Mais tarde, o trecho entre a estação de Tubarão, construída posteriormente, e a de Lauro Muller, passou a ser considerado um ramal, que tomou o nome da estação terminal.

No Guia Postal do Império do Brasil, de 1880, não consta nenhuma agência com o nome de Azambuja. Presume-se que a remessa de correspondências oriundas da colônia se dava através da agência de Tubarão.

Ocorre que, agora, o filatelista Sérgio Laux, de Florianópolis, obteve um envelope, postado na AGÊNCIA DE AZAMBUJA, em 19 de novembro de 1888. Endereçado à Itália, contém, no verso, carimbo de passagem por Desterro. Única peça conhecida, até o momento.

O carimbo, apesar de não conter qualquer referência à Província de Santa Catharina, apresenta formato idêntico ao de outras localidades barrigas-verdes do final do Império, como Palhoça e Araranguá, entre outras.

Conservação preventiva de álbuns e selos

Romeu Odilo Trauer - Florianópolis, SC

1 – Introdução

Geralmente, iniciamos uma coleção quando ainda somos criança e mais por gosto ou impulso do que por outro motivo. O prazer de colecionar selos nos traz muita satisfação e alegrias.

Com o tempo, vamos pesquisando sobre o material que temos e logo nosso conhecimento se expande. Mas o colecionismo é um hobby e como tal, só recorremos a ele de vez em quando. É comum ficarmos muito tempo, às vezes anos, sem nos envolver com nosso hobby.

Então, aí vem a questão, como guardar nosso material para que ele não se degrade?

As primeiras informações recebidas são as de que devemos guardar o material num lugar com temperaturas amenas, boa ventilação e não expor os selos à claridade. Porém, essas informações são válidas para localidades onde o clima é, por natureza, seco e ameno. Se formos quantificar essas informações, diríamos que valem para lugares onde as temperaturas ficam abaixo de 25ºC e a umidade relativa do ar (UR) abaixo de 60%, na maior parte do ano. Mas são raros os locais, no Brasil, onde essas condições ocorrem no ambiente externo.

Nosso material fica guardado, numa sala, em armários ou caixas, longe da luz. Assim, é desse local que devemos cuidar para que a temperatura fique entre 15ºC e 25ºC, porém sem variação brusca. Desejável é manter a temperatura constante, por exemplo, em 22ºC, podendo variar dois graus para mais ou para menos.

Quanto à umidade relativa do ar nesses locais, também deve ser mantida mais ou menos constante, em torno de 53%, podendo variar entre 50% e 60%. De tempos em tempos, quando as condições externas forem favoráveis, devemos dar uma ventilada no material, folheando álbuns e classificadores, recolocando-os logo depois em seu lugar. Quando essas condições não são alcançadas normalmente, devemos recorrer a um sistema de controle de ambiente.

Na sala onde temos os armários e caixas, podemos usar um aparelho de ar-condicionado para manter a temperatura dentro dos valores indicados. Já a umidade relativa do ar, com o aparelho ligado, geralmente fica em torno de 60%. Os aparelhos de ar-condicionado não oferecem controle da umidade do ar.

Quando a temperatura for baixa e a umidade relativa do ar for acima de 60%, vamos precisar de um desumidificador para baixar a umidade. Se a umidade relativa do ar for abaixo de 30%, vamos precisar de um umidificador.

Com o auxílio dos sites de previsão do tempo, é possível se ter ideia de como a temperatura e a umidade relativa do ar variam durante o dia ou semana na cidade onde estamos. Isso nos ajudará na avaliação do que vamos ou não precisar.

2 – Diagnóstico

Antes de sairmos comprando aparelhos, convém fazer um levantamento de como variam a temperatura e a umidade relativa do ar na sala onde temos o material. Mas se nosso acervo se restringe a uma ou duas caixas de plástico, talvez não seja necessário comprar tais aparelhos. O uso de desumidificadores, localmente, pode resolver o problema. Por exemplo, dentro da caixa onde estão os selos, álbuns e classificadores, podemos colocar produtos que retiram a umidade do local, como saquinhos com sílica-gel ou à base de cloreto de cálcio.

Para medir a umidade relativa do ar, vamos precisar de um psicrômetro. O mais em conta é um sistema combinado de dois termômetros de mercúrio, sendo que um tem uma mecha de algodão embebida em água, chamado de termômetro de bulbo úmido. O outro é chamado de termômetro de bulbo seco. Assim, teremos duas leituras diferentes. Geralmente, esses aparelhos vêm com uma tabela. Os dados de entrada são: temperatura do bulbo seco e diferença de temperatura entre o bulbo seco e o úmido. A saída é a umidade relativa do ar. Também podemos usar o diagrama de Mollier, que será apresentado adiante.

Para saber mais acesse: http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicrómetro

Uma alternativa ao psicrômetro é a utilização de um termômetro e um higrômetro digital ou analógico.

Fazendo leituras pela manhã, meio-dia, tarde e noite, vamos ter ideia de como é essa variação na sala. Assim, podemos fazer o diagnóstico do que vai ser necessário.

Para controlar a temperatura, vamos usar um aparelho de ar-condicionado e para controlar a umidade, um desumidificador.

3 – Degradação do papel

Se não cuidarmos da temperatura e da umidade no local onde estão os selos, álbuns e classificadores, o que vai acontecer? Como conservar selos com goma? Os selos com goma são os que requerem maior cuidado?

Antigamente, havia vários tipos de papeis e gomas. Em épocas de crise e guerras, geralmente, ocorria escassez de matérias-primas, afetando a fabricação e distribuição dos selos. Hoje, existem normas técnicas que estabelecem critérios de qualidade que os papeis devem ter, conforme sua destinação.

Os protetores de plástico, tipo Hawid ou Maximaphil, onde colocamos os selos, surgiram no começo da década de 1960. Para neutralizar a cola dos selos, é muito comum o uso de talco neutro. Assim, diminuí a probabilidade dos selos colarem no protetor ou uns nos outros. Mas essa proteção não ajuda muito se não cuidarmos dos efeitos da temperatura e da umidade.

Podemos observar que se a umidade e a temperatura fogem dos valores acima, ficando a temperatura acima de 28ºC e a umidade relativa do ar acima de 80%, a goma vai começar a reagir e amolecer. Dependendo da pressão sobre o selo, ele pode colar no protetor ou na base do classificador. Para soltá-lo, somente umedecendo o selo ou mesmo colocando-o imerso na água. A goma se perde e o selo se desvaloriza monetariamente. É muito comum encontrarmos álbuns antigos com selos novos, com goma, presos ao álbum com charneiras. Devemos cuidar ao manuseá-los, pois podem estar colados nas folhas do álbum.

No outro extremo, se a temperatura for alta e a umidade for abaixo de 60%, o selo não chega a colar na base do protetor, mas a goma fica com aparência espelhada.
Finalmente, se a temperatura e a umidade forem baixas, a goma fica com o aspecto de uma pintura craquelê.

Quando o ambiente está com umidade do ar abaixo de 60% e colocamos os selos com goma sobre a mesa, depois de alguns minutos vamos notar que eles se enrolam no sentido de deixar a parte com goma para dentro. Isso ocorre porque a cola se contraiu mais que o papel. Ao contrário, se a umidade relativa do ar no ambiente for acima de 80%, o selo tende a se enrolar, deixando a imagem pelo lado de dentro. A goma se dilata mais que o papel do selo.

Outro efeito ao longo do tempo, quando a temperatura fica acima de 27ºC e a umidade relativa do ar acima de 70%, é o aparecimento de fungos que atacam tanto o papel como a goma dos selos. O papel começa a ficar com pontos amarelados ou escuros que denominamos de pontos de ferrugem ou mancha de ferrugem. É comum notarmos isso nos livros e folhas de álbuns.

Para saber mais sobre os principais fenômenos de degradação do papel, veja:
http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=2322#ancora-menu
Para saber como remover a ferrugem dos selos, veja:
http://clubefilatelicodobrasil.com.br/artigos/atecnicos/ferrugem2.htm

4 – Temperatura e umidade

A umidade contida no ar também está presente nos selos e nos papeis. Quando o ar está com 100% de umidade, dizemos que o ar está saturado. No diagrama de Mollier (figura na próxima página), podemos acompanhar o que acontece num ambiente ou mesmo no papel, quando ocorre uma variação da temperatura.

Este diagrama pode ser usado também para encontrarmos a umidade relativa do ar, usando o psicrômetro, comentado acima.

Observe, na parte de cima do diagrama, as linhas com o valor da umidade relativa (UR em %). Sobre a linha dos 100% estão marcadas temperaturas que são as do termômetro de bulbo úmido. Se, por exemplo, a temperatura do bulbo seco marca 25ºC e a do bulbo úmido 23ºC, vamos ler, no gráfico, uma umidade relativa próxima de 80%. Basta ver onde as duas linhas se encontram. Quando a temperatura do ambiente baixar para 23ºC ou menos (no inverno, com a entrada de ar frio) vamos ter a condensação da umidade do ar, isto é, a formação de água. Observamos esse fenômeno, também, quando colocamos, num copo, água gelada. Aos poucos, vão se formar gotículas de água sobre a parede do copo e, com o tempo, vai se formar uma pequena poça.

É fácil imaginar, agora, seus álbuns de selos sofrendo o efeito acima descrito. A umidade contida no papel vai ser tanta que as folhas e os selos ficarão úmidos. Se eles estiverem dentro de uma caixa, gaveta ou armário, essa umidade vai ficar impregnada nas folhas e selos e, assim, logo teremos a formação de colônias de fungos e a instalação da ferrugem.

Os selos com goma começarão a se colar uns nos outros ou no suporte onde estão. A água que se formar só vai evaporar se ocorrer uma boa ventilação com ar seco (60% ou menos). Se o local onde estão os selos for uma caixa que foi fechada no verão (T=25ºC e UR=80%), quando chegar o inverno, com temperatura abaixo de 20ºC, também vai ocorrer o mesmo processo. E isso é tudo o que não queremos para nossos selos.

Nota: Este artigo foi adaptado para filatelistas com base em informações na bibliografia citada e na experiência do autor.

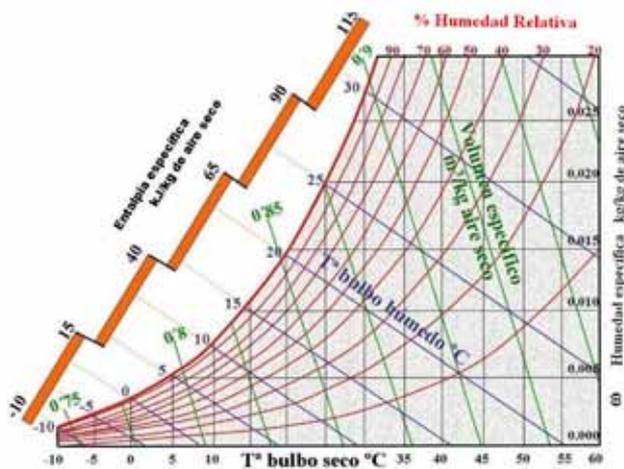



Diagrama de Mollier

5 – Bibliografia

Além das indicações já feitas, foram consultadas as seguintes publicações:

CHAGAS, Magda Teixeira; BAHIA. Desenvolvimento, conservação e recuperação das coleções. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. Conservação preventiva de acervos. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2012. (Coleção Estudos Museológicos, v.1)

Güths, Saulo; de Carvalho, Cláudia S. Rodrigues. Conservação preventiva: Ambientes próprios para coleções. In: MAST Colloquia, Vol.9 – Conservação de acervos. Acessado dia 10/11/2013: http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_9.pdf

O Mistério da filigrana no bloco da Semana de Arte Moderna

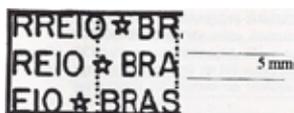
Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

A ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – lançou, em 5 de maio de 1972, um bloco comemorativo ao **Cinquentenário da Semana de Arte Moderna** de 1922. Com desenho de Di Cavalcanti, adaptado por Gian Calvi, amparado no desenho original da capa do catálogo do evento (*figura abaixo*).

Oportuna essa homenagem dos Correios. A Semana de Arte Moderna, também chamada Semana de 22 e que teve lugar em São Paulo, representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou da vanguarda para o modernismo. O evento marcou época ao apresentar novas ideias e conceitos artísticos, como a poesia através da declamação, que antes era só escrita; a música por meio de concertos, que antes só havia cantores sem acompanhamento de orquestras sinfônicas e a arte plástica exibida em telas, esculturas e maquetes de arquitetura, com desenhos modernos e arrojados. O adjetivo "novo" passou a ser marcado em todas essas manifestações que propunham algo, no mínimo, curioso e de interesse. O objetivo da manifestação era renovar o ambiente artístico e cultural da cidade com "*a perfeita demonstração do que há em nosso meio em escultura, arquitetura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual*", como informava o Correio Paulistano, órgão do partido governista paulista, em 29 de janeiro de 1922.

Com uma tiragem de 100.000 exemplares, medindo cada um deles 78 x 110 mm, impressos em offset, papel couché, e apresentando um selo destacável por denteação 11, o bloco tem valor facial de Cr$ 1,00.

A solenidade de lançamento do bloco de Comemoração do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922 ocorreu em São Paulo.

Nos catálogos de selos, esse bloco foi inicialmente descrito como **sem filigrana**. É o que se infere da leitura dos Catálogos de Selos do Brasil de 1973 (fl. 244), de 1974 (fl. 254), de 1975 (fl. 222) editados por Francisco Schiffer e dos Catálogos de Selos do Brasil de 1977 (fl. 289), de 1978 (fl. 304), de 1979 (fl. 324), de 1981 (fl. 128), de 1982 (fl. 127), de 1984 (fl. 126), editados por Rolf Harald Meyer. O mesmo é informado nos Catálogos Antunes de 1983 (fl. 238), e de 1986 (fl. 83), editados por J. Manoel Antunes. Também no Catálogo Michel, Sudamerika, 1984/85, band 2 (fl. 240), e ainda nos Catálogos Scott, de 1987, vol. II (fl. 326) e de 1990, vol. II (fl. 315).

Ocorre que posteriormente, passou a constar dos catálogos a **presença da filigrana "Q"** (à esquerda), ou seja, "CORREIO BRASIL". Observamos isso nos Catálogos de Selos do Brasil, editados por Rolf Harald Meyer, de 1986 (fl. 154) e 1994 (fl. 52).

Filigranas, no jargão filatélico, são as marcas d'água existentes na textura do papel, quando de sua fabricação. Foram criadas para dificultar a falsificação, dando autenticidade às peças.

A filigrana "CORREIO BRASIL", cujas palavras são separadas por uma estrela, surgiu em 1940, sendo modificada em 1942, quando as letras passaram a ter de altura 5mm ao invés de 7mm e, depois, em 1944. Essa filigrana ficou em uso até 1969.

Examinamos mais de uma centena desses blocos, tanto utilizando o método tradicional de benzina (à direita) como o filigranoscópio (abaixo), e não encontramos nem indícios dessa filigrana. Nessa tarefa, há uma dificuldade causada pelo próprio desenho da peça filatélica, com as cores preto e prata, que poderiam causar confusão.

Fica, portanto, uma indagação. Não sabemos se foi um simples equívoco na confecção dos catálogos, ou se efetivamente existe o bloco filigranado. Acreditamos na primeira opção.

É sabido que "*nos primeiros tempos, os colecionadores pouco se ocupavam com diferenças de denteados e de filigranas*." (M. Willians e col. A Filatelia, História e Iniciação, p. 79). Hoje, não é assim.

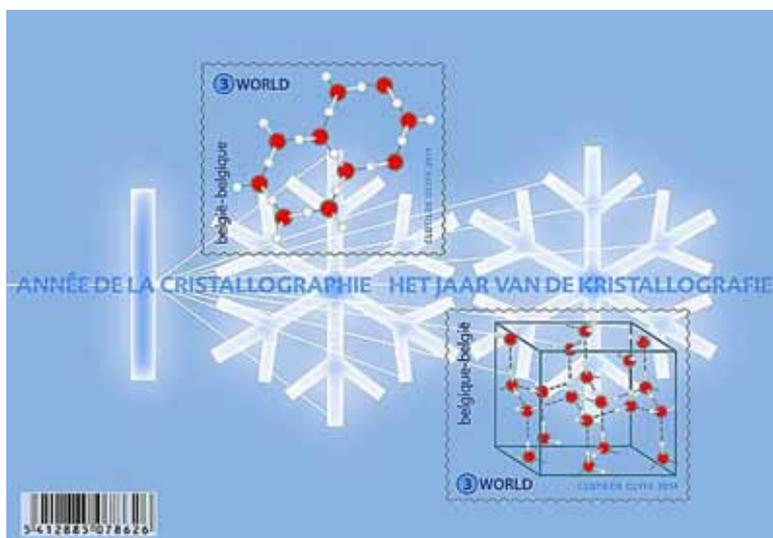
Modernidades

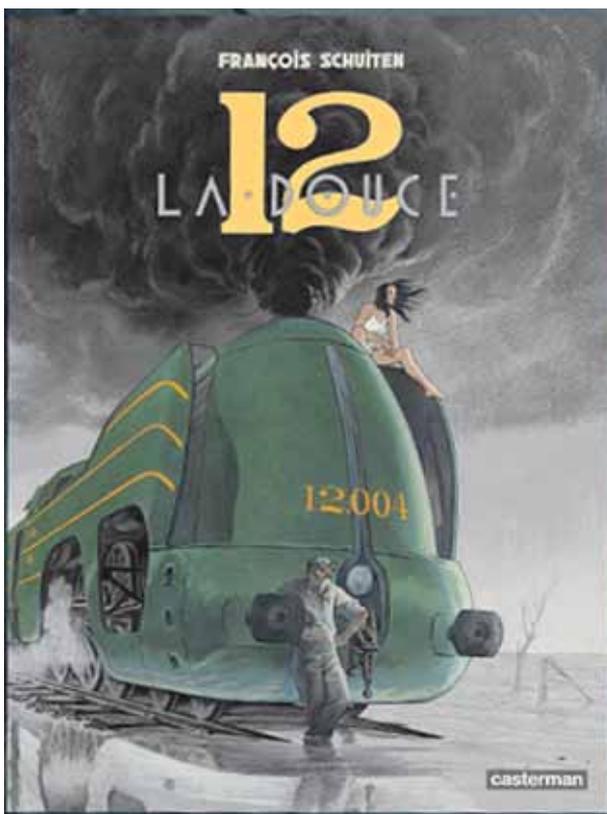
Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Os filatelistas até bem pouco tempo, não imaginavam que poderiam ter em suas coleções selos em madeira ou tecido, selos perfumados ou cheirando a mata incendiada, selos com cristais ou bordados. E, agora para completar, teremos selos transparentes e selos com realidade aumentada.

As novidades vêm dos correios da Bélgica – Bpost – que, em seu programa de lançamentos para 2014, apresentado à imprensa em outubro último, ousam inovar. Segundo um executivo dos correios, a tecnologia dominará todos os lançamentos de 2014, pois "é uma maneira de reforçar a modernidade do selo postal e da filatelia".

O lançamento dos primeiros selos transparentes belgas aconteceu em 10 de junho deste ano. Trata-se de um bloco, composto por dois selos, em comemoração ao Ano Internacional da Cristalografia (conforme o dicionário Aurélio, cristalografia é a ciência que se ocupa dos cristais, das suas formas e estruturas e das leis que regem sua formação). Para saber mais sobre cristalografia, acesse: http://www.iycr2014.org/

Os selos, impressos numa base adesiva transparente, mostram o arranjo das moléculas de água em duas variantes de um cristal de gelo.

Quanto aos selos com realidade aumentada – trata-se da integração de informações e visualização do mundo real através de programas de computador –, uma série de cinco selos, inspirada no livro de histórias em quadrinhos "La Douce" – uma locomotiva a vapor -, será lançada em 6 de outubro de 2014. A série foi desenhada pelo mesmo autor do livro de histórias em quadrinhos François Schuiten.

De acordo com o Bpost, quando os selos forem colocados em frente a uma webcam, viajaremos através de paisagens na tela do computador. Para melhor entender o processo de realidade aumentada que será utilizado, acesse: http://12-ladouce.com/

Capa do livro La Douce, lançado em abril de 2012, que traz a experiência da realidade aumentada e serviu de inspiração para a série de selos a ser lançada.

Então, sejam bem-vindas as novidades! Estamos preparados.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos .... R$60,00

Juvenis - com idade inferior a 18 anos .... R$10,00

Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis .... R$30,00

Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil .... US$ 35,00

Associe-se! Envie-nos cópia preenchida da ficha abaixo.

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____________________

Endereço ou Cx. Postal: ____________________

CEP: ________ Cidade: ____________ Estado: ______

Telefone: __________ Profissão: ____________

Sexo: ________ Data de nascimento: ____________

E-mail: ____________________

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: __________ Assinatura: ____________________